



PUC - Rio VESTIBULAR 2016

1º DIA
MANHÃ
GRUPO 2

Outubro / 2015

PROVAS OBJETIVAS DE BIOLOGIA E DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PROVAS DISCURSIVAS DE PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA E DE REDAÇÃO

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES ABAIXO.

- 01 - O candidato recebeu do fiscal o seguinte material:
- este Caderno, com o enunciado das 10 questões objetivas de **BIOLOGIA**, das 10 questões objetivas de **LÍNGUA ESTRANGEIRA**, das 5 questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA**, sem repetição ou falha, e o **tema da Redação**;
 - um **CARTÃO-RESPOSTA**, com seu nome e número de inscrição, destinado às respostas das questões objetivas formuladas nas provas de **BIOLOGIA** e de **LÍNGUA ESTRANGEIRA** (conforme opção na inscrição) grampeado a um Caderno de Respostas, contendo espaço para desenvolvimento das respostas às questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA** e à folha para o desenvolvimento da **Redação**.
- 02 - O candidato deve verificar se este material está em ordem e se o seu nome e número de inscrição conferem com os que aparecem no **CARTÃO-RESPOSTA**. Caso não esteja nessas condições, o fato deve ser **IMEDIATAMENTE** notificado ao fiscal.
- 03 - Após a conferência, o candidato deverá assinar, no espaço próprio do **CARTÃO-RESPOSTA**, a caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta.
- 04 - No **CARTÃO-RESPOSTA**, a marcação das letras correspondentes às respostas certas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo todo o espaço compreendido pelos círculos, a **caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta**, de forma contínua e densa. A leitura ótica do **CARTÃO-RESPOSTA** é sensível a marcas escuras; portanto, os campos de marcação devem ser preenchidos completamente, sem deixar claros.
- Exemplo: (A) ● (C) (D) (E)
- 05 - O candidato deve ter muito cuidado com o **CARTÃO-RESPOSTA**, para não o **DOBRAR, AMASSAR ou MANCHAR**. O **CARTÃO-RESPOSTA** somente poderá ser substituído se, no ato da entrega ao candidato, já estiver danificado em suas margens superior e/ou inferior - **DELIMITADOR DE RECONHECIMENTO PARA LEITURA ÓTICA**.
- 06 - Para cada uma das questões objetivas são apresentadas 5 alternativas classificadas com as letras (A), (B), (C), (D) e (E); só uma responde adequadamente ao quesito proposto. O candidato só deve assinalar **UMA RESPOSTA**: a marcação em mais de uma alternativa anula a questão, **MESMO QUE UMA DAS RESPOSTAS ESTEJA CORRETA**.
- 07 - As questões são identificadas pelo número que se situa acima de seu enunciado.
- 08 - **SERÁ ELIMINADO** do Concurso Vestibular o candidato que:
- se utilizar, durante a realização das provas, de máquinas e/ou relógios de calcular, bem como de rádios gravadores, *headphones*, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie;
 - se ausentar da sala em que se realizam as provas levando consigo este Caderno de Questões e/ou o Caderno de Respostas e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA**;
 - não assinar a Lista de Presença e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA**.
- Obs.:** Iniciadas as provas, o candidato só poderá se ausentar do recinto das provas após **30 (trinta) minutos** contados a partir do efetivo início das mesmas.
- 09 - O candidato deve reservar os 30 (trinta) minutos finais para marcar seu **CARTÃO-RESPOSTA**. Os rascunhos e as marcações assinaladas no **CADERNO DE QUESTÕES NÃO SERÃO LEVADOS EM CONTA**.
- 10 - O candidato deve, ao terminar as provas, entregar ao fiscal o **CARTÃO-RESPOSTA** grampeado ao **CADERNO DE RESPOSTAS** e à folha com o desenvolvimento da **Redação** e este **CADERNO DE QUESTÕES** e **ASSINAR** a **LISTA DE PRESENÇA**.
- 11 - **O TEMPO DISPONÍVEL PARA ESTAS PROVAS DE QUESTÕES OBJETIVAS E DISCURSIVAS E DE REDAÇÃO É DE 4 (QUATRO) HORAS.**

NOTA: Em conformidade com a legislação em vigor, que determina a obrigatoriedade do uso das novas regras de ortografia apenas a partir de 31 de dezembro de 2015, o candidato poderá optar por utilizar uma das duas normas atualmente vigentes.

BOAS PROVAS!

BIOLOGIA

1

Com relação ao que chamamos de aquecimento global, analise as seguintes afirmativas.

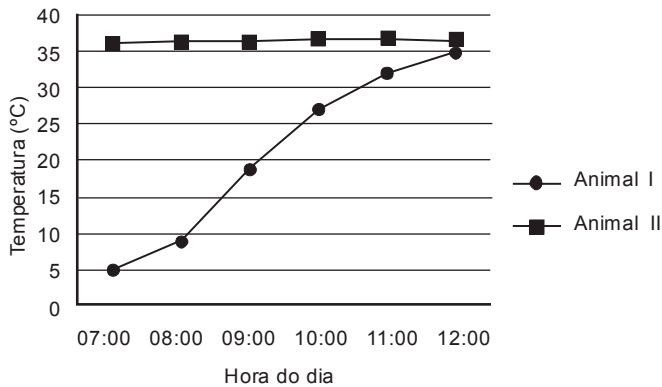
- I – É decorrente do acúmulo de gás carbônico originado principalmente da queima de combustíveis fósseis.
- II – É decorrente da destruição da camada de ozônio pelo uso de gases CFC, usados na indústria.
- III – Pode ser mitigado através do aumento do sequestro de carbono por plantas.
- IV – Está relacionado ao ciclo biogeoquímico do oxigênio.

É correto o que se afirma em:

- (A) apenas I
- (B) apenas II
- (C) apenas III
- (D) apenas I e III
- (E) apenas I e IV

2

O gráfico a seguir mostra a variação da temperatura corporal de dois animais de classes diferentes em função do aumento da temperatura ambiente durante o período da manhã.



Com base na análise desse gráfico, é correto afirmar que I e II correspondem, respectivamente, a:

- (A) um animal ectotérmico, como uma ave e um animal endotérmico, como um mamífero.
- (B) um animal ectotérmico, como uma serpente e um animal endotérmico, como um mamífero.
- (C) um animal endotérmico, como um mamífero e um animal ectotérmico, como um anfíbio.
- (D) um animal endotérmico, como um anfíbio e um animal ectotérmico, como uma ave.
- (E) um animal de sangue quente, como uma ave e um animal de sangue frio, como um crocodiliano.

3

Corais em todo o mundo estão sofrendo de um fenômeno conhecido como branqueamento, que consiste na perda de algas unicelulares que vivem no interior dos tecidos, podendo ocasionar a morte desses animais. Sobre o tipo de interação entre os corais e as algas é correto afirmar que:

- (A) é uma interação de parasitismo, pois as algas vivem no interior dos corais.
- (B) é uma relação desarmônica interespecífica pois os corais predam as algas.
- (C) é uma relação harmônica intraespecífica pois animais e algas formam colônias.
- (D) é uma interação de mutualismo onde as algas fornecem gás carbônico para os corais e estes fornecem glicose para as algas.
- (E) é uma interação de mutualismo, onde as algas fornecem boa parte do alimento para os corais e estes fornecem sais minerais e gás carbônico.

4

Em relação aos níveis de organização em ecologia, assinale a alternativa **CORRETA**:

- (A) POPULAÇÃO inclui todos os indivíduos de uma espécie, que estão presentes em determinada região.
- (B) POPULAÇÃO é o conjunto de indivíduos de diferentes espécies.
- (C) ECOSSISTEMA é a porção da terra biologicamente habitada.
- (D) BIOSFERA é o conjunto formado pela comunidade de indivíduos vivos e o ambiente.
- (E) COMUNIDADE é o conjunto de indivíduos de uma mesma espécie.

5

As plantas xerófitas apresentam adaptações que possibilitam sua sobrevivência em ambientes secos.

Selecione abaixo quais são essas adaptações.

- (A) Cutícula espessa, pneumatóforos.
- (B) Suculência, cutícula espessa.
- (C) Raiz epivotante longa, pneumatóforos.
- (D) Cutícula espessa, raiz epivotante pouco desenvolvida.
- (E) Suculência, raiz epivotante pouco desenvolvida.

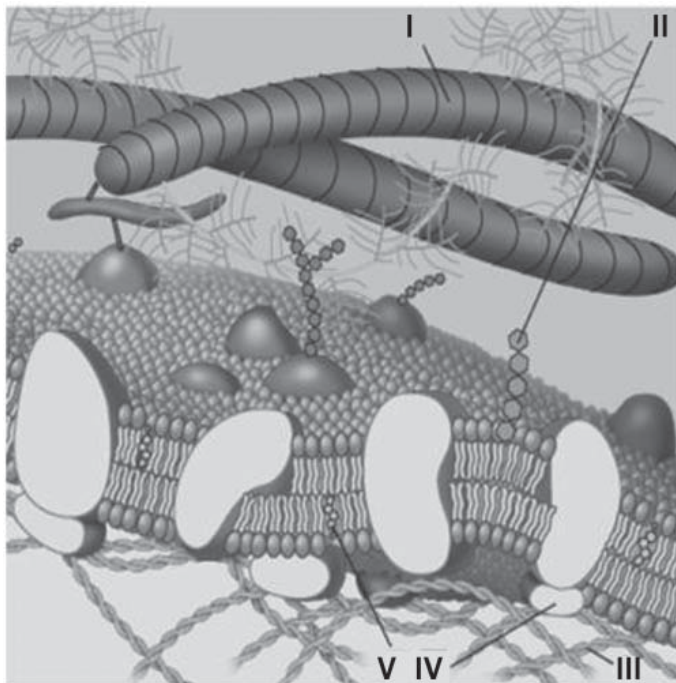
6

Em plantas, qual das seguintes unidades reprodutivas é produzida por meiose?

- (A) Esporófitos haploides.
- (B) Gametas haploides.
- (C) Esporos haploides.
- (D) Gametas diploides.
- (E) Esporos diploides.

7

A figura abaixo representa o modelo do mosaico fluido da membrana plasmática e as diferentes estruturas que a compõem.

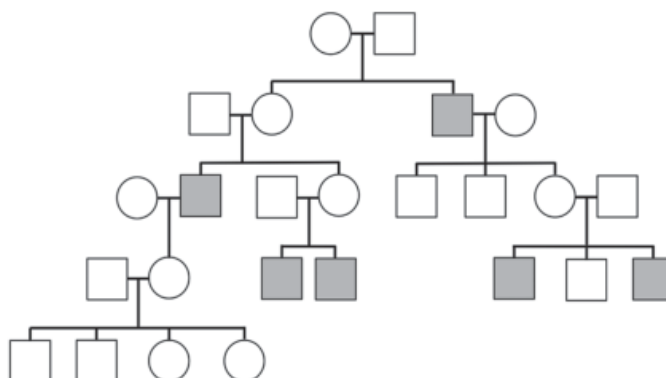


Identifique as estruturas que estão associadas aos números, respectivamente:

	I	II	III	IV	V
(A)	Matriz extracelular	proteína periférica	colesterol	citoesqueleto	glicolípídeo
(B)	Matriz extracelular	glicolípídeo	proteína periférica	citoesqueleto	colesterol
(C)	Matriz extracelular	citoesqueleto	colesterol	glicolípídeo	proteína periférica
(D)	Matriz extracelular	citoesqueleto	colesterol	proteína periférica	glicolípídeo
(E)	Matriz extracelular	glicolípídeo	citoesqueleto	proteína periférica	colesterol

8

O heredograma abaixo mostra a herança da Síndrome de Nance-Horan, uma condição genética rara cujas pessoas afetadas têm catarata e dentição anormal.



Qual o padrão de herança mais provável para a referida síndrome:

- (A) Autossômico dominante
- (B) Ligado ao cromossomo Y
- (C) Ligado ao cromossomo X recessivo
- (D) Ligado ao cromossomo X dominante
- (E) Autossômico recessivo

9

Alguns pressupostos devem ser considerados para que uma determinada população esteja em equilíbrio de Hardy-Weinberg. Marque a opção que indica corretamente um desses pressupostos.

- (A) Ocorrem mutações na população.
- (B) Os genes alelos estão sujeitos a seleção natural.
- (C) Os cruzamentos não devem ocorrer aleatoriamente.
- (D) O tamanho populacional é infinito.
- (E) Ocorre migração na população.

10

Um pesquisador coletou os seguintes dados sobre a composição de bases nitrogenadas do material genético do vírus *ribgrass*:

A	G	C	T	U
29,3%	25,8%	18,0%	0,0%	27,0%

Com base nessa informação, podemos afirmar que o material genético do vírus *ribgrass* é:

- (A) DNA de fita simples.
- (B) RNA de fita dupla.
- (C) DNA de fita dupla.
- (D) RNA de fita simples.
- (E) DNA e RNA.

LÍNGUA ESTRANGEIRA - INGLÊS

When did the central aim of parenting become preparing children for success? This reigning paradigm, which dictates that every act of nurturing be judged on the basis of whether it will usher a child toward a life of accomplishment or failure, embodies the fundamental insecurity of global capitalist culture, with its unbending fixation on prosperity and the future. When each nurturing act is administered with the distant future in mind, what becomes of the present? A child who soaks in the ambient anxiety that surrounds each trivial choice or activity is an anxious child, formed in the hand-wringing, future-focused image of her anxious parents.

“How to Raise an Adult: Break Free of the Overparenting Trap and Prepare Your Kid for Success” seems to lie at the precise crossroads of this inherently conflicted approach. Like so many others, Julie Lythcott-Haims has identified overparenting as a trap. But once you escape the trap, the goal remains the same: to mold your offspring into thriving adults. Whether a child is learning to ride a bike or doing his own laundry, he is still viewed through the limited binary lens of either triumphant or fumbling adulthood. The looming question is not “Is my child happy?” but “Is my child a future president poised to save the environment, or a future stoner poised to watch his fifth episode of ‘House of Cards’ in a row?”

Lythcott-Haims, who brings some authority to the subject as Stanford’s former dean of freshmen and undergraduate advising, has seen varieties of extreme parental interference suggesting not just a lack of common sense, but a lack of wisdom and healthy boundaries (if not personal dignity) as well. Instead of allowing kids to experiment and learn from their mistakes, parents hover where they’re not wanted or welcome, accompanying children on school trips or shadowing them on campus. Caught up in what the author calls the “college admissions arms race,” parents treat securing their children a spot at one of 20 top schools (as decreed by U.S. News and World Report’s popular but somewhat dubious rankings) as an all-or-nothing proposition. Concerned about the effects of a flawed high school transcript, parents do their children’s homework, write or heavily edit their papers, fire questions at teachers, dispute grades and hire expensive subject tutors, SAT coaches and “private admissions consultants” (26 percent of college applicants reported hiring these in 2013). Even after kids graduate, the madness continues. Lythcott-Haims offers anecdotes of parents touring graduate schools, serving as mouthpieces for their shy, passive children, and submitting résumés to potential employers, sometimes without their

RASCUNHO

55 children's knowledge. These behaviors do more than mold kids into dependent beings, she argues; they corral and constrict their possibilities and their imaginations. "We speak of dreams as boundless, limitless realms," Lythcott-Haims writes. "But in reality often we create parameters, conditions and limits within which our kids are permitted to dream — with a checklisted childhood as the path to achievement."

60 Lythcott-Haims takes pains to demonstrate that overparenting doesn't merely threaten a child's future income; it also does enormous psychological harm. She cites a 2011 study by sociologists at the University of Tennessee at Chattanooga that found a correlation, in college-student questionnaires, between helicopter parenting and medication for anxiety or depression. One researcher at a treatment center for addicts in Los Angeles found that "rates of depression and anxiety among affluent teens and young adults correspond to the rates of depression and anxiety suffered by incarcerated juveniles." Other studies suggest that overparented kids are "less open to new ideas" and take "less satisfaction in life." For Lythcott-Haims, the message behind this research is the same: Kids need to sally forth independently without constant supervision. They need to try and even fail. And when they fail and look around for a parent to bail them out, they need to hear the words, "You must figure this out for yourself."

By Heather Havrilesky, (with slight adaptations). On 6/15/2015; **The New York Times**. Available at: http://www.nytimes.com/2015/06/21/books/review/how-to-raise-an-adult-by-julie-lythcott-haims.html?smid=fb-nytimes&smtyp=cur&_r=0

11

The main purpose of the text is to

- (A) alert society of the fact that kids nowadays should be overparented.
- (B) warn parents about the serious implications of overparenting their kids.
- (C) defend the idea that parents should not help their kids with their schoolwork.
- (D) recommend parents to raise their kids aiming at their professional success.
- (E) blame global capitalism for kids' insecurity in heading into a successful future.

12

In the fragment "But once you escape the trap, the goal remains the same: to mold your offspring into thriving adults" (lines 19-20), **thriving** can be substituted, without change in meaning, by

- (A) failing
- (B) needy
- (C) prosperous
- (D) clever
- (E) open-minded

13

In the second paragraph of the text, by posing the question "Is my child a future president poised to save the environment, or a future stoner poised to watch his fifth episode of 'House of Cards' in a row?" (lines 25-27), Lythcott-Haims exposes the binary situation into which most parents are trapped.

This binary situation is the one of

- (A) raising children to make them happy or unhappy.
- (B) being over-alert or negligent to the problem of drug use in adolescence.
- (C) providing or not kids with a good education, so that they become future presidents.
- (D) upbringing kids to be triumphant adults or losers.
- (E) making children's minds more or less receptive to face new situations.

14

The pronoun **they** in the fragment "...where they're not wanted or welcome, accompanying children on school trips or shadowing them on campus." refers to (lines 35-37):

- (A) "common sense" and "wisdom" (line 32)
- (B) "healthy boundaries" (line 33)
- (C) "kids" (line 34)
- (D) "parents" (line 35)
- (E) "mistakes" (line 35)

15

According to Lythcott-Haims, most parents are caught up in what she calls the "college admissions arms race" (lines 38-39) because they want

- (A) to see the names of their kids in national excellence rankings.
- (B) to ensure their children a place in the country's best universities.
- (C) their children to have a comfortable life on the university campus.
- (D) their children to be awarded scholarships in good universities.
- (E) to see their kids with less homework assignments.

16

The **INCORRECT** statement concerning the meanings of the words extracted from the text is

- (A) "Usher" (line 4) is the same as "follow".
- (B) "Embodies" (line 5) can be replaced with "incorporates".
- (C) "Soaks" (line 10) can be replaced by "is immersed".
- (D) "Dispute" (line 46) can be substituted by "question".
- (E) "Submitting" (line 52) can be substituted by "giving".

17

In the third paragraph, Lythcott-Haims says that parents don't allow kids to learn from their mistakes when they

- (A) hover around successful people.
- (B) don't realize their kids' need for privacy.
- (C) deprive their children of their friends' company.
- (D) employ tutors to edit their kids' homework and papers.
- (E) hire expensive consultants to dispute their kids' grades at school.

18

In the fragments "Lythcott-Haims offers anecdotes of parents touring graduate schools, serving as mouthpieces for their shy, passive children," (lines 50-52) and "We speak of dreams as boundless, limitless realms," (lines 57-58) the words **mouthpieces** and **realms** mean, respectively

- (A) spokesperson - arrangements
- (B) public relations - width
- (C) informants - extensions
- (D) spokesmen - areas
- (E) deputies - family

19

In lines 75 to 81, Lythcott-Haims summarizes the message behind the research about overparenting saying that

- (A) if children fail, they should ask for the help of their parents.
- (B) kids need to try to sail autonomously, without the help of their parents.
- (C) parents need to let kids commit mistakes and help them find solutions to them.
- (D) when kids don't listen to their parents' words, they may try things and fail.
- (E) kids should travel independently, with low parental monitoring.

20

In "You must figure this out for yourself." (lines 80-81), the writer expresses a(n)

- (A) unquestionable truth.
- (B) concrete possibility.
- (C) logical assumption.
- (D) improbable guess.
- (E) absolute obligation.

LÍNGUA ESTRANGEIRA - FRANCÊS

Portrait de carioca

En vous promenant le long de la plage d'Ipanema, vous avez peut-être déjà croisé ses œuvres. Il est difficile de ne pas s'arrêter quelques instants, le temps d'observer plus en détails son travail : des œuvres pleines de couleurs, de vie, de joie. Ces œuvres sont à l'image de son peintre, Fabio Fragozo. Un peintre à qui le pinceau a changé la vie.

Fabio Fragozo a aujourd'hui 34 ans. Depuis l'âge de 23 ans, il est artiste et peintre. Il se rappelle parfaitement son entrée dans la vie artistique, puisque l'art lui a changé la vie. Fabio a grandi dans l'une des fameuses *favelas* de Rio de Janeiro, la *Cidade de Deus*, dépeinte dans le film « *La cité de Dieu* » de Fernando Meirelles, comme étant un univers pauvre et violent.

Aujourd'hui, le fonctionnement dans cette *favela* a évolué depuis la pacification en 2009. Le trafic de drogues est toujours présent, mais les armes ne sont plus aussi présentes qu'avant. Avant la pacification, il était normal de croiser des trafiquants de drogues armés. De fait, particulièrement à cette époque, être un adolescent dans une *favela* où le trafic de drogues était une chose commune, n'était pas une chose facile.

Avant la peinture, une adolescence difficile

Un peu perdu, ne sachant que faire de sa vie, n'ayant pas de projets particuliers et par manque d'opportunités, il passait la plupart de son temps chez son voisin, Ney, à fumer de la marijuana. Mais, tous les jours, à une certaine heure, Ney, âgé de six ans de plus que lui, devait quitter son domicile pour peindre et aller vendre ses œuvres. Un jour, son voisin lui a dit : « *Tiens, prends le pinceau et peins.* » Fabio, très surpris, lui répond : « *Mais tu es fou, toi, je ne sais pas peindre, moi ! Non, je ne vais pas prendre ton pinceau !* » Le seul dessin qu'il savait faire était un bonhomme, comme tous les enfants. Cette idée de peindre lui a tout de même occupé l'esprit pendant quelques heures, jusqu'au lendemain : « *D'accord, je vais prendre ton pinceau et je vais peindre.* »

Son premier tableau représentait une plage d'*Ilha Grande*, une île à 15 kilomètres de Rio de Janeiro. Ney avait pour habitude de vendre ses tableaux dans un marché de Copacabana et il y a exposé le tableau de Fabio pour essayer de le vendre. De retour à la *favela*, Ney a tendu un billet de 20 reais à

Fabio pour la vente de son tableau, Fabio, stupéfait, a donc repris le pinceau et s'est remis à peindre. Mais, cette fois-ci, il a peint deux tableaux. Le voisin revient le jour suivant avec 40 reais. Fabio a commencé à croire en lui et a réalisé qu'il avait finalement, peut-être, des chances de s'en sortir. Le jeune homme est allé à l'école jusqu'à l'âge de 15 ans. Faiblement diplômé, un casier judiciaire pas vierge, il a compris que la meilleure voie pour s'en sortir serait à travers la peinture et non à travers le trafic de drogues.

Une vie plus confortable

Cela fait maintenant dix ans que Fabio est régulièrement présent sur la plage d'*Ipanema*. Un casque sur les oreilles pour écouter de la samba ou de la bossa nova, il est en face à ses tableaux, vendus entre 50 et 2000 reais. Sur sa gauche, les passants. Sur sa droite, la plage. Il s'y situe du lundi au vendredi face à la rue *Farme de Amoedo*, entre les postes 8 et 9, de onze heures à seize heures, quand il va chercher sa fille de cinq ans, Cécilia. Parallèlement, le peintre fait également parti d'un projet, *Alegria da favela*, visant à transmettre sa passion pour la peinture aux enfants des *favelas*. Il souhaiterait ainsi que la peinture change leurs vies, comme s'est passé pour lui.

Le fait de sortir de cet univers, lui a fait connaître un autre monde. Désormais, pour lui, « *dehors, tout est différent mais je n'en avais pas conscience avant. L'art m'a sauvé la vie* ». Fabio est devenu une autre personne. Il n'habite plus dans la favela, mais à côté, avec sa femme et sa petite fille et a pu se payer un appartement plus confortable, dans une résidence avec piscine. Il est resté ami avec ses anciens amis dont Ney, son ancien voisin. Avant, il mettait quatre heures de bus pour aller jusqu'à *Ipanema* et revenir, mais, maintenant, il a sa voiture.

Fabio n'oublie pas l'une des rencontres qui lui a permis de faire une exposition en Belgique. En effet, un jour, une *Paulista* est tombée sous le charme de ses tableaux. Etant donné qu'elle en a acheté plus d'un, Fabio s'est déplacé jusqu'à l'hôtel pour lui transporter. Et, à ce même moment, Fabio a fait la connaissance d'une famille espagnole qui a également admiré ses tableaux et lui a finalement proposé de faire une exposition en Belgique et de rendre visite à ses amis qu'il a pu connaître par le biais de son travail sur la plage d'*Ipanema*, à Londres, Paris, Barcelone, Madrid et il a pu connaître les plus célèbres musées d'art présents en Europe.

Léa MOUGEOLLE (www.lepetitjournal.com – Brésil) vendredi 19 juin 2015.

11

Selon le texte, Fabio Fragozo

- (A) a toujours peint.
- (B) n'a jamais aimé la peinture.
- (C) n'a commencé à peindre qu'il y a 11 ans.
- (D) a toujours rêvé d'avoir une vie d'artiste.
- (E) a découvert son talent quand il était enfant.

12

La phrase « *Le trafic de drogues est toujours présent, mais les armes ne sont plus aussi présentes qu'avant* » (lignes 18-20) veut dire qu'aujourd'hui

- (A) il y a autant de trafic de drogues que de violence.
- (B) il y a plus de violence et moins de trafic de drogues.
- (C) la violence est aussi présente que le trafic de drogues.
- (D) il y a encore du trafic de drogues, mais moins de violence.
- (E) il n'y a plus de trafic de drogues, mais il y a encore de la violence.

13

La phrase « *Un peu perdu, ne sachant pas que faire de sa vie ... à fumer de la marijuana.* » (lignes 27-30) nous informe que Fabio

- (A) était paresseux.
- (B) ne voulait rien faire.
- (C) n'avait pas où habiter.
- (D) n'avait pas beaucoup d'amis.
- (E) n'arrivait pas à trouver son chemin.

14

Ney, le voisin de Fabio,

- (A) vivait de ses peintures.
- (B) ne travaillait pas, lui non plus.
- (C) fumait de la marijuana avec lui.
- (D) lui donnait un peu de son argent.
- (E) n'aimait pas que Fabio restait si longtemps chez lui.

15

Pour aider son ami, Ney

- (A) lui apprend à peindre.
- (B) lui suggère d'essayer de peindre.
- (C) lui demande de vendre ses peintures.
- (D) lui conseille de ne plus fumer de marijuana.
- (E) l'invite à venir avec lui au marché de Copacabana.

16

Fabio, alors,

- (A) se met en colère.
- (B) pense que Ney se moque de lui.
- (C) lui répond qu'il ne le ferait jamais.
- (D) devient surpris, mais décide d'essayer.
- (E) accepte immédiatement la suggestion de son voisin.

17

Sa première expérience avec les pinces

- (A) a été un vrai échec.
- (B) s'est montrée inutile.
- (C) lui a donné des espoirs.
- (D) ne lui a pas du tout plu.
- (E) n'a pas eu beaucoup de succès.

18

L'expression **s'en sortir**, dans la phrase « ... *il a compris que la meilleure voie pour s'en sortir serait ...* » (lignes 55-56) pourrait être remplacée, sans changer le sens, par

- (A) voyager.
- (B) déménager.
- (C) changer de vie.
- (D) aller vivre dehors.
- (E) chercher de nouveaux amis.

19

Marquez l'option qui **ne complète pas** correctement la phrase.

Aujourd'hui, Fabio

- (A) va travailler en voiture.
- (B) vit avec sa femme et sa fille.
- (C) habite un appartement confortable.
- (D) ne voit plus son ami Ney.
- (E) attire l'attention des passants avec ses œuvres.

20

Fabio fait connaissance avec une famille espagnole qui lui propose de

- (A) vivre en Belgique.
- (B) venir les visiter en Espagne.
- (C) passer ses vacances chez eux.
- (D) exposer ses œuvres en Europe.
- (E) travailler dans des musées d'art.

LÍNGUA ESTRANGEIRA - ESPANHOL

Enfermos de ocio:

el precio de tomarse 20 días de vacaciones

Kristin Suleng

- El síndrome del tiempo libre existe. Sea verano o invierno, no pocos se sienten escacharrados nada más empezar las ansiadas vacaciones. Cuando placeres como tener el despertador apagado, tumbarse en la arena de la playa o llegar a la habitación del hotel se tornan en un suplicio por culpa de un malestar general de pies a cabeza, una sensación de náuseas o de síntomas que anuncian una gripe sin motivo aparente, puede que sufra la enfermedad del ocio.*
- 5 *La denominación, real, aunque suene a chanza de *El Mundo Today*, podría dar luz sobre las posibles razones, todavía inexplicables para la ciencia, que impiden al organismo saborear el descanso vacacional tras haberlo dado todo en el trabajo.*
- 10 *Las vacaciones a veces no son sinónimo de paz y descanso. El cambio de los hábitos, junto con las condiciones climáticas, puede trastocar la idílica pausa a la batalla de los *atascos-oficina-casa-familia*, con el riesgo de exponernos a patologías que van desde las lesiones cutáneas por la exposición solar, infecciones de hongos o picaduras de insectos; a procesos gastrointestinales de origen infeccioso o por intoxicaciones alimenticias y la presencia de enfermedades importadas de otros países a los que se ha viajado, como apunta Marta Martínez del Valle, secretaria de información de la Sociedad Española de Médicos Generales y de Familia (SEMG).*
- 15 *A ese catálogo de enfermedades hay que añadirle una nueva complicación: ponerse malo por dejar de trabajar. Aunque apenas hay artículos científicos que fundamenten su existencia, como observa la doctora Martínez del Valle, hace poco más de una década, el psicólogo holandés Ad Vingerhoets, de la Universidad de Tilburg, aquejado de la sensación de enfermedad*
- 20 *durante el tiempo libre de los fines de semana y las navidades, se propuso buscar un patrón de síntomas como explicación a la falta de energía durante las vacaciones en personas que nunca enferman durante el estrés laboral.*
- 25 *Tras encuestar a 1.128 hombres y 765 mujeres, con edades comprendidas entre los 16 y los 87 años, el estudio estimó que alrededor del 3% de la población puede padecer este trastorno durante los fines de semana y las vacaciones con síntomas como el dolor de cabeza, migrañas, fatiga, daño muscular,*
- 30
- 35
- 40
- 45

náuseas o un estado similar al resfriado o la gripe. En la mayoría de casos, los pacientes sufrían el síndrome durante diez años, surgiendo tras acontecimientos importantes de la vida, como una boda, el nacimiento del primer hijo o el cambio de un puesto de trabajo.

Según el estudio, el perfil medio del enfermo del ocio se define por el perfeccionismo y la ansiedad por avanzar, una excesiva carga de faena y un gran sentido de la responsabilidad, características que hacen muy difícil desconectar del trabajo. La preocupación por el mundo externo cuando trabajamos compite con la información del propio cuerpo, afirma el autor de la investigación, de forma que en ambientes de estrés nuestra atención se desvía de los posibles síntomas problemáticos, mas, por el contrario, los momentos de relajación o aburrimiento favorecen la alerta sobre las señales del organismo. Esta condición podría demostrar la capacidad de los individuos de posponer la enfermedad a un momento más adecuado, al tiempo que aportaría un valor positivo al estrés como factor de resistencia a patologías, contra la creencia popular.

(...)

KRISTIN, Suleng. Cest: www.elpais.es. 15 jul. 2015. 12:08

11

El título "Enfermos de ocio: el precio de tomarse 20 días de vacaciones" se refiere a la idea central del artículo que es

- (A) la relación entre enfermarse y tomarse pocos días de vacaciones.
- (B) la relación entre enfermarse y no salir de vacaciones.
- (C) la relación entre enfermarse y pagar altos precios para salir de vacaciones.
- (D) la relación entre enfermarse y el alto precio de los medicamentos.
- (E) la relación entre enfermarse y estar de vacaciones o con tiempo libre.

12

El objetivo del artículo es

- (A) advertir sobre los lugares menos saludables para pasar las vacaciones.
- (B) promover lugares saludables para disfrutar durante las vacaciones.
- (C) informar sobre los mejores precios para pasar las vacaciones sin enfermarse.
- (D) explicar las causas por las que muchas personas se enferman durante las vacaciones.
- (E) aconsejar sobre los peligros de no salir de vacaciones un mínimo de 20 días.

13

Señale la única alternativa en que la palabra en paréntesis se corresponde semánticamente con la palabra subrayada:

- (A) "... tumbarse en la arena" (línea 4-5, acostarse)
- (B) "... dar luz sobre las posibles razones" (línea 11-12, parir)
- (C) "... saborear el descanso" (línea 13, comer)
- (D) "... hay que añadirle" (línea 28, sacarle)
- (E) "... posponer la enfermedad" (líneas 63-64, adelantar).

14

Marca el enunciado cuyo verbo se refiera a una acción pasada próxima o vinculada al presente de la enunciación:

- (A) "... *El síndrome del tiempo libre* existe." (línea 1)
- (B) "... Sea verano o invierno." (líneas 1-2)
- (C) "... países a los que se ha viajado" (líneas 24-25)
- (D) "... el estudio estimó que alrededor" (línea 42)
- (E) "... Esta condición podría demostrar" (líneas 62-63)

15

En el fragmento "La denominación, real, aunque suene a chanza de *El Mundo Today*, podría dar luz sobre las posibles razones, todavía inexplicables para la ciencia, que impiden al organismo saborear el descanso vacacional tras haberlo dado todo en el trabajo." (líneas 10-14) podemos reemplazar el adverbio "todavía" por

- (A) pero.
- (B) aún.
- (C) no obstante.
- (D) sin embargo.
- (E) aunque.

16

Para el psicólogo holandés Ad Virgerhoets la enfermedad del ocio se explica porque

- (A) cuando viajamos nos exponemos a cambios de hábitos y de condiciones climáticas.
- (B) cuando debemos volver a nuestra rutina cotidiana no podemos adaptarnos al ritmo de trabajo.
- (C) cuando estamos relajados y con tiempo, podemos escuchar las señales que nos envía nuestro cuerpo.
- (D) cuando trabajamos demasiado y no desconectamos del trabajo sufrimos lo que se denomina estrés laboral.
- (E) cuando estamos de vacaciones cambiamos nuestros horarios y salimos de nuestra rutina cotidiana causando un trastorno físico.

17

Marque la única alternativa donde la correspondencia semántica esté correcta:

(A) "... atascos" (línea 18)	Facilidad en el movimiento.
(B) "... oficina" (línea 18)	Tienda para adquirir productos.
(C) "... hongos" (línea 21)	Grupo de aves.
(D) "... puesto" (línea 50)	Jefe o superior.
(E) "... aburrimiento" (línea 61)	Tedio, hastío.

18

Para Marta Martínez del Valle las vacaciones no son sinónimo de paz y descanso porque

- (A) las personas están sujetas distintos tipos de riesgos cuando viajan.
- (B) las personas reproducen los hábitos cotidianos y sufren estrés.
- (C) las personas entran en batallas con la familia después de períodos largos de convivencia.
- (D) las personas llevan trabajo para hacer durante el receso.
- (E) las personas no saben aprovechar y relajarse durante el tiempo libre.

19

El adjetivo que **NO** se adecuaría al perfil medio del enfermo del ocio es:

- (A) trabajador.
- (B) responsable.
- (C) perezoso.
- (D) ambicioso.
- (E) obsesivo.

20

En el fragmento "Aunque apenas hay artículos científicos que fundamenten su existencia, como observa la doctora Martínez del Valle, hace poco más de una década, el psicólogo holandés Ad Vingerhoets, de la Universidad de Tilburg, aquejado de la sensación de enfermedad durante el tiempo libre de los fines de semana y las navidades, se propuso buscar un patrón de síntomas como explicación a la falta de energía durante las vacaciones en personas que nunca enferman durante el estrés laboral" (líneas 30-39) la conjunción "**aunque**" establece respecto a lo dicho anteriormente una relación de

- (A) adición.
- (B) concesión.
- (C) consecuencia.
- (D) condición.
- (E) finalidad.

RASCUNHO

**PROVA DISCURSIVA
PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA**

Texto 1

Benedict Anderson (1991) define a nação como uma comunidade política imaginada, porque há uma espécie de ficção no vínculo entre seus membros, que, em sua maioria, nunca estabelecerão qualquer contato, mas cujo imaginário é de uma relação horizontal compartilhada. Há identificação, mesmo sem laços pessoais. Anderson (1991) faz uma análise das origens dessa imaginação comunitária e considera indiretamente a consolidação do Estado moderno o fato desencadeador do surgimento do imaginário nacional. [...]

Apesar de ser apenas uma entre muitas possibilidades de se imaginar uma comunidade política, a nação se consolidou na História como se não fosse uma construção social, mas um elemento natural de vínculo entre os indivíduos. Essa solidez só foi possível porque o Estado-nação nasceu com um imaginário de eternidade, constantemente reproduzido por discursos de identidade nacional que sustentam a dimensão imaginada da comunidade política (Balibar, 2004a).

Natio era a deusa da origem na Roma Antiga, onde a palavra era usada para se referir a grupos unidos por laços culturais, tradições e costumes, mas sem organização política (Habermas, 1998). A nação, nesse sentido, é pré-política. Na era moderna, porém, o Estado territorial, de fronteiras bem definidas e administração centralizada, tornou-se a estrutura política que dá forma a uma memória supostamente atemporal. Na medida em que nação e Estado se uniram como o principal modelo de organização política [...], o sentido de nação se ampliou. Ela não significava mais apenas um grupo com origens culturais comuns, mas também um conjunto de indivíduos sujeito às mesmas regulamentações do Estado. A partir da Revolução Francesa, a nação, como define Habermas, passou a ser a espora da soberania e também a base para a definição dos deveres e direitos dos indivíduos do Estado: a cidadania.

Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/19264/19264_3.PDF>. p. 24-27. Acesso em: 23 jul. 2015. Adaptado.

Texto 2

Há dois aspectos imprescindíveis a qualquer discurso que queira, hoje, tratar do significado da nação.

O primeiro é relativo à dimensão simbólica da ideia de nação, entendida menos como território, mais como repertório de recursos identitários. Sobre o papel de constructo cultural e simbólico que a ideia de nação representa, temos autores que convergem sobre a arbitrariedade de sua gênese (a nação como invenção histórica arbitrária, de Gellner; como invenção da tradição, de Hobsbawm; como comunidade imaginada, de Anderson). Porém, independentemente do reconhecimento de sua função ideológica ou de legitimação política, o que hoje se enfatiza na ideia de nação é a forte carga simbólica e o caráter cultural que carrega. Dizer, então, que os sentimentos de pertencimento são culturalmente construídos não significa necessariamente que eles se fundem em manipulações mistificadoras ou subficcões arbitrárias. O acento recai, sobretudo, na sua capacidade de fundar uma comunidade emocional, de agir como conectores de um “nós” nacional.

O segundo aspecto é relativo à separação que se verifica, no contexto contemporâneo, dos vínculos que pareciam indissolivelmente ligar sociedade e estado nacional. A relação identificatória entre estado-nação e sociedade perdeu a obviedade e naturalidade, quando, no contexto da globalização, tornaram-se manifestas diversas formas de socialidade completamente desvinculadas do estado-nação: a “explosão” da complexidade social, no momento em que outras agências de produção de significados (as religiões, o mercado, a indústria cultural, etc.) competem com o estado-nação, o que acaba por minar irreversivelmente sua centralidade e capacidade de integração social.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Ficção televisiva e identidade cultural da nação**. In: Revista Alceu Nº 20. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010. p. 11-12. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=32>>. Acesso em: 21 jul. 2015. Adaptado.

Questão 1 (valor: 2,0 pontos)

- a) Explique, com suas próprias palavras, o conceito de “comunidade imaginada”, que, segundo Benedict Anderson, está implicado na definição de “nação”.

Questão 1 (Continuação)

b) Mantendo o sentido das frases abaixo, reescreva-as sem usar a palavra **mesmo**. Faça as modificações necessárias.

i) Há identificação, mesmo sem laços pessoais.

RASCUNHO

ii) Há, mesmo, identificação sem laços pessoais.

RASCUNHO

Questão 2 (valor: 2,0 pontos)

a) Retire, do terceiro parágrafo do Texto 1, o advérbio que revela ser hipotética a falta de influência do tempo na memória.

RASCUNHO

b) Em “Ela não significava mais apenas um grupo com origens culturais comuns, mas também um conjunto de indivíduos sujeito às mesmas regulamentações do Estado.” (l. 15 e 17 – Texto 1), o emprego da palavra “**mais**” deixa implícita uma informação. Que informação é essa?

RASCUNHO

c) Reescreva o trecho a seguir, atendendo às modificações propostas e mantendo o sentido original. Faça as alterações necessárias.

“A partir da Revolução Francesa, a nação, como define Habermas, passou a ser a escora da soberania e também a base para a definição dos deveres e direitos dos indivíduos do Estado: a cidadania.”

Segundo Habermas, a partir da Revolução Francesa, a nação, além de...

RASCUNHO

Questão 3 (valor: 2,0 pontos)

a) O Texto 2 apresenta duas visões distintas que, hoje, encontram-se relacionadas ao conceito de nação. Estabeleça a diferença entre elas.

RASCUNHO

Questão 3 (Continuação)

b) Com relação ao trecho abaixo, faça o que é solicitado a seguir.

A relação identificatória entre estado-nação e sociedade perdeu a obviedade e naturalidade, quando, no contexto da globalização, tornaram-se manifestas diversas formas de socialidade completamente desvinculadas do estado-nação.

i) Justifique o emprego da forma verbal “**tornaram-se**” na 3ª pessoa do plural.

ii) Reescreva o trecho, iniciando-o por “*É possível que*”. Faça as modificações necessárias.

Texto 3**A pátria**

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
 Criança! não verás nenhum país como este!
 Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
 A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,

5 É um seio de mãe a transbordar carinhos.
 Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,
 Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
 Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!

Vê que grande extensão de matas, onde impera
 10 Fecunda e luminosa, a eterna primavera!
 Boa terra! Jamais negou a quem trabalha
 O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e umedece,
 Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!
 15 Criança! não verás país nenhum como este:
 Imita na grandeza a terra em que nasceste!

BILAC, Olavo. Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/poesias_infantis_de_olavo_bilac-1.htm#APátria>. Acesso em: 10 jul. 2015.

Texto 4

— Tio, os conceitos de nação mudaram. O que vale agora é o internacionalismo. A multiplicidade. Aqui é um pedacinho. Você soma com os pedacinhos que temos por aí afora. Reservas no Uruguai, na Bolívia, pedaço do Chile, na Venezuela. Cada savana na África, quero ser transferido para a África, triplica o soldo e a gente tem casa, comida, economiza.

5 — Pois é, entregamos o nosso e fomos colonizar outros territórios.

— Não é colonização, tio, é diferente. São reservas multinternacionais. O mundo se globaliza.

— Talvez eu seja velho, com ideias antigas na cabeça. Mas queria meu país inteiro, não um mundo de países dentro do meu, como acontece. Eu te contei daquela viagem. Quis chegar a Manaus e nunca cheguei. Não podia ir lá, fui rodeando, tive que voltar. Foi mais difícil atravessar a Rondônia do que conseguir permissão para cruzar a Bolívia.

10 — Sua visão é limitada, tio. O senhor pensa em termos individuais, restringe-se a um regionalismo superado. Raciocine em termos mais amplos. Nossa economia, por exemplo, nunca esteve tão forte.

— Forte? Ninguém tem dinheiro. O país endividado. Não há mais terras para plantio. Tudo custa os olhos da cara, estamos importando tudo.

— Importamos pouca coisa.

15 — Pouquíssima. Sal, açúcar, minério de ferro, xisto, feijão, eletricidade, papel, plásticos. Quer a lista inteira?

— Não são importações, são acordos feitos quando das negociações com as terras.

— Como é que você não enxerga? Importamos de nós mesmos. Mandamos buscar ali em cima, onde antes era o norte do Mato Grosso, o Maranhão, o Pará.

— Lembre-se que as concessões não são eternas. Tem um prazo.

20 — Eu vi. O ano passado esgotou-se o prazo da concessão para a Bélgica. E eles devolveram os trechos que mantinham em Goiás? Não, o Esquema comprou. Comprou uma coisa que seria dele, de graça, este ano.

— Foi diferente. Tinha melhorias, projetos industriais, edifícios, plantações, laboratórios.

— Ruínas, tudo ruínas.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum** (memorial descritivo). Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1981, pp.73-4.

Questão 4 (valor: 2,0 pontos)

- a) A partir da leitura comparativa dos Textos 3 e 4, determine os distintos sentidos de nação e/ou pátria que aparecem em ambos.

Questão 4 (Continuação)

- b) Olavo Bilac é tradicionalmente considerado um dos mais importantes representantes do Parnasianismo. Apesar disso, pode-se constatar que o poema "A pátria" não segue rigidamente os pressupostos da estética parnasiana. Comente, com suas próprias palavras, tal afirmação.

Texto 5

São Paulo, 15 de novembro de 1923 – Viva a República!

Tarsila, minha querida amiga:

- Cuidado! fortifiquem-se bem de teorias e desculpas e coisas vistas em Paris. Quando vocês aqui chegarem, temos briga, na certa. Desde já, desafio vocês todos juntos, Tarsila, Oswald, Sérgio para uma discussão formidável.
- 5 Vocês foram a Paris como burgueses. Estão *épatés**. E se fizeram futuristas! hi! hi! hi! Choro de inveja. Mas é verdade que considero vocês todos uns caipiras em Paris. Vocês se parisianizaram na epiderme. Isso é horrível! Tarsila, Tarsila, volta para dentro de si mesma. Abandona o Gris e o Lhote, empresários de criticismos decrépitos e de estesias decadentes! Abandona Paris! Tarsila! Tarsila! Vem para a mata-virgem, onde não há arte negra, onde não há também arroios gentis. Há MATA VIRGEM. Criei o matavirgismo. Sou matavirgista. Disso é que o mundo, a arte, o Brasil e
- 10 minha queridíssima Tarsila precisam.
- Se vocês tiverem coragem venham para cá, aceitem meu desafio.
- E como será lindo ver na moldura verde da mata a figura linda, renascente de Tarsila Amaral. Chegarei silencioso, confiante e te beijarei as mãos divinas.

Com abraço muito amigo do *Mário*.

* *Épatés* – palavra do francês que significa deslumbrados.

AMARAL, Aracy (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. São Paulo: Editora da USP/IEB, 2001, pp. 78-80.

Questão 5 (valor: 2,0 pontos)

- a) A carta escrita por Mário de Andrade a Tarsila do Amaral aborda importantes questões que fomentaram o debate político e estético entre os artistas da primeira geração modernista no Brasil. Indique dois aspectos presentes no Texto 5 que reiteram o que foi afirmado acima.

Questão 5 (Continuação)

- b) Determine dois procedimentos linguísticos, comprovados com exemplos retirados da carta, que evidenciam o espírito iconoclasta do modernismo brasileiro.

RASCUNHO

REDAÇÃO

No artigo *O país das mil faces*, Mario Vargas Llosa deixa transparecer a maneira como ele concebe o seu país. Ainda que se permita tecer algumas críticas em relação ao Peru, o escritor revela estar indissolavelmente vinculado à sua terra natal.

Procurando estabelecer um diálogo com o escritor, produza um texto dissertativo-argumentativo — com cerca de 25 linhas — apresentando **suas concepções sobre o Brasil**. Seu texto deve, obrigatoriamente, RESUMIR e COMENTAR pelo menos algum trecho do artigo do escritor peruano seja para concordar com ele, seja para dele discordar no que diz respeito à ideia de nação acrescentando a devida referência. Além disso, pelo menos, uma das definições do conceito que aparecem nos textos da prova de Português e Literatura Brasileira deve ser inserida em sua redação, também com a inclusão do nome do seu autor. Dê ao seu texto um título que instigue a leitura.

A cidade onde nasci, Arequipa, no sul do Peru, em um vale dos Andes, foi famosa por seu espírito clerical e de revolta, por seus juristas e seus vulcões, a limpeza de seu céu, seus saborosos camarões e seu regionalismo. E também pela “nevada”, uma forma de neurose transitória que acomete os que nasceram ali. Um belo dia, o mais manso dos arequipanos para de responder aos cumprimentos, passa as horas de cara fechada, diz e comete os maiores disparates e por causa de uma simples divergência de opiniões, começa a ameaçar o seu melhor amigo. Ninguém estranha nem se irrita com isso, pois todos entendem que o sujeito está com a “nevada” e que no dia seguinte voltará a ser a pessoa inofensiva de sempre. Embora minha família tenha me levado dali com um ano de idade e eu nunca tenha voltado a morar na cidade, sempre me senti bastante arequipano, e também acredito que as piadas que correm sobre nós no Peru — dizem que somos arrogantes e até mesmo loucos — são fruto da inveja. Pois não somos nós os que falamos o castelhano mais castiço do país? E não somos nós que temos esse verdadeiro monumento arquitetônico que é o Santa Catalina, um convento onde chegaram a morar quinhentas mulheres na época da colônia? Não fomos nós o cenário dos mais grandiosos terremotos e da maior quantidade de revoluções da história peruana?

Como sempre acontece com as famílias estrangeiras, viver em outro país fez com que se reforçasse o nosso patriotismo. Até os dez anos de idade, eu tinha certeza de que ser peruano era o melhor dos destinos. A ideia que eu então fazia do Peru tinha mais a ver com o país dos incas e dos conquistadores do que com o Peru real. Este eu só vim a conhecer em 1946. A família se mudou para Piura, onde meu avô tinha sido nomeado prefeito. Viajamos por estradas de terra, com uma parada em Arequipa. Recordo-me da emoção que senti ao chegar à minha cidade natal. Lembro de minha excitação ao ver o mar pela primeira vez, em Camaná. Resmunguei e enchi tanto que meus avós concordaram em parar o automóvel para que eu pudesse dar uma mergulhada no mar daquela praia brava e selvagem. Meu batismo marítimo não foi muito bem sucedido porque fui picado por um caranguejo. Mesmo assim, o meu amor à primeira vista pelo litoral peruano se manteve.

Anos depois...

Parti para a Europa e não voltei a morar no meu país de forma permanente até 1974. Entre os vinte e dois anos, idade que tinha quando parti, e os trinta e oito, que completei em minha volta, muitas coisas se passaram, e quando retornei eu era, em vários sentidos, uma pessoa totalmente diferente. Mas, no que se refere à relação como o meu país, acredito que continua a ser a mesma de minha adolescência. Uma relação que poderia ser definida com a ajuda de metáforas, mais do que de conceitos. O Peru é, para mim, uma espécie de doença incurável, e minha relação com ele é intensa, atritada, cheia daquela violência que caracteriza a paixão. O romancista Juan Carlos Onetti disse certa vez que a diferença entre mim e ele, como escritores, era que eu tinha com a literatura uma relação de matrimônio, e ele uma relação de adultério. Tenho a impressão de que minha relação com o Peru é mais adúltera do que conjugal. Ou seja: impregnada de suspeita, paixão e furor. Conscientemente, luto contra toda forma de “nacionalismo”, algo que me parece uma das grandes falhas humanas e que tem servido como álibi para os piores contrabandos. Mas não deixa de ser um fato que as coisas do meu país me deixam mais exasperado ou exaltado, e que o que nele acontece ou deixa de acontecer diz respeito a mim de uma maneira íntima e incontornável. É possível que, se fizesse um balanço, eu chegasse à conclusão de que, na hora de escrever, aquilo que do Peru se faz mais presente em mim são seus defeitos. E que também tenho sido um crítico severo, a ponto de cometer alguma injustiça, de tudo aquilo que o aflige. Mas creio que, sob essas críticas, reside uma solidariedade profunda. Embora já tenha me ocorrido odiar o Peru, esse ódio, como no verso de César Vallejo, foi sempre impregnado de ternura.

Lima, agosto de 1983

VARGAS LLOSA, Mario. **Saberes e utopias: visões da América Latina**. trad. Bernardo Ajzenberg, Rio de Janeiro, Objetiva, 2010.